

Editorial

A Sociedade em Foco: globalização, questões políticas e desafios societais

Paulo Serra
Universidade da Beira Interior
Presidente da Direção da Sopcom

1.

O tema deste número da revista *Comunicando* é “A Sociedade em Foco: globalização, questões políticas e desafios societais”.

Os “desafios societais” constituem, como sabemos, um dos três pilares do Horizonte2020 (a par da Excelência Científica e da Liderança Industrial), e incluem sete grandes desafios:

- 1 - Saúde, Alterações Demográficas e Bem-Estar;
- 2 - Segurança Alimentar, Agricultura e Silvicultura Sustentável, Investigação Marinha e Marítima e Águas Interiores e a Bioeconomia;
- 3 - Energia Segura, Não Poluente e Eficiente;
- 4 - Transportes Inteligentes, Ecológicos e Integrados;
- 5 - Ação Climática, Ambiente, Eficiência de Recursos e Matérias-Primas;
- 6 - Europa num Mundo em Mudança – Sociedades Inclusivas, Inovadoras e Pensadoras;
- 7 - Sociedades Seguras – Proteção, Liberdade e Segurança da Europa e Seus Cidadãos.¹

Como se verifica pelo enunciado destes desafios, eles envolvem aspetos teóricos e pragmáticos cujo estudo vai muito para além das chamadas “*hard sciences*”, envolvendo diretamente as ciências sociais e as humanidades – e, portanto, as ciências da comunicação.

Mas o enunciado do tema deste número da *Comunicando* vai mais longe do que este nível meramente descritivo: ele propõe a relação dos desafios societais e das questões políticas com a globalização – dando assim a entender, também, que a globalização, que começa por ser económica e tecnológica, sofre de um défice em matéria de política e sociedade –

¹ Gabinete de Promoção do Programa Quadro de I&DT. *FAQ*. Disponível em: <http://www.gppq.fct.pt/h2020/faq.php>

o que faz com que urja colocar, precisamente, o foco na sociedade (“A sociedade em foco”, diz-se no enunciado do tema da revista).

Começemos, então, por nos referir à questão da globalização e das suas bases económicas e tecnológicas.

2.

De acordo com Anthony Giddens, a globalização pode ser definida como “a intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice-versa”.² Como exemplos/ilustrações desta dialética entre o local e o longínquo envolvida na/pela globalização, Giddens refere a possibilidade de a prosperidade de uma área urbana de Singapura ser o resultado do empobrecimento de um bairro em Pittsburgh, incapaz de competir com os seus produtos nos mercados globais; ou de o recrudescimento dos nacionalismos na Europa e noutros locais ser uma forma de resistência dos povos às relações sociais globalizadas e à tendência para a homogeneização cultural (Giddens, 1990, pp. 64-5).

Que o primeiro exemplo de Giddens seja da área da economia não é um mero acidente. De facto, na perspectiva de Marx e Engels, a economia capitalista –”a grande indústria” - é, precisamente, a força motriz que leva à mundialização – que, no entanto, está longe de se limitar à esfera económica. Como escrevem os autores no seu *Manifesto Comunista*, de 1848,

A grande indústria estabeleceu o mercado mundial que o descobrimento da América preparara. O mercado mundial deu ao comércio, à navegação, às comunicações por terra, um desenvolvimento imensurável. Este, por sua vez, reagiu sobre a extensão da indústria, e na mesma medida em que a indústria, o comércio, a navegação, os caminhos-de-ferro se estenderam, desenvolveu-se a burguesia, multiplicou os seus capitais, empurrou todas as classes transmitidas da Idade Média para segundo plano. (Marx e Engels, 1848/2005, p. 41)

² “Globalisation can thus be defined as the intensification of worldwide social relations which link distant localities in such a way that local happenings are shaped by events occurring many miles away and vice versa.” (Giddens, 1990, p. 64). No nosso texto seguimos a tradução de Santos (2001, p. 31).

É precisamente este carácter mundial do mercado – do capital – que exige, da parte do trabalho, a mesma mundialização: “Proletários de todos os países, uni-vos!” (Marx e Engels, 1848/2005, p. 69).

Quanto ao fator tecnológico da globalização, torna-se hoje quase redundante evocar McLuhan e a sua metáfora da “aldeia global”, introduzida pelo autor canadiano nos finais da década de 60 do século XX, numa espécie de hino a esse meio sem mensagem que é a eletricidade:

Enquanto contraído eletricamente, o globo não é mais do que uma aldeia. A velocidade da eletricidade, ao juntar todas as funções sociais e políticas numa súbita implosão, elevou a um grau intenso a consciência humana da responsabilidade.³ (McLuhan, 1967/1987, p. 5).

Mais recentemente, as bases tecnológicas e económicas da globalização foram analisadas por Manuel Castells, nos seus (hoje já clássicos) livros sobre a “sociedade em rede”.⁴

3.

A globalização, tendo bases económicas e tecnológicas, está longe de se reduzir a elas. De facto, o essencial da globalização é que ela implica, *em todos os domínios da vida social*, um conjunto de fluxos que ultrapassam todas as fronteiras – incluindo as disciplinares. Esses fluxos, não sendo exclusivos da sociedade atual, ganharam nela toda a amplitude que hoje lhes conhecemos: fluxos de pessoas (migrantes, estudantes, turistas, refugiados, etc.), de comunicações (as rádios, as televisões por cabo e por satélite, a internet, etc.), de dinheiro e outros produtos financeiros (ações, obrigações, etc.), de mercadorias, incluindo aqui os chamados “bens culturais” (livros, filmes, discos, etc.), etc..

Deste modo, o sistema aberto e reticular da globalização, que tem o seu símbolo maior na Internet, contrasta, de forma clara, com o sistema fechado e linear da “guerra fria”, cujo símbolo maior era o Muro de Berlim, derrubado em 1989 (Friedman, 1999, pp. 110-27). Quais as consequências políticas e sociais desta vida aberta e em rede, vivida de forma cada vez mais vertiginosa pelos humanos?

³ “As electrically contracted, the globe is no more than a village. Electric speed in bringing all social and political functions together in a sudden implosion has heightened human awareness of responsibility to an intense degree.”

⁴ Referimo-nos, especialmente, aos três volumes da obra *The Information Age: Economy, Society and Culture*: Vol I, *The rise of the network society* (1996); Vol. II, *The power of identity* (1997); Vol. III, *End of millennium* (1998).

4.

Não sendo o objetivo deste editorial responder a tal questão – ao contrário do que acontecerá, certamente, com os textos deste número da *Comunicando* -, não poderemos, no entanto, deixar de aqui enunciar algumas das principais contradições suscitadas pelo processo de globalização em curso, evitando as elegias e ditirambos habituais sobre tal processo. Essas contradições são as seguintes:

1. Contradição entre uma democracia que continua a ser nacional e um poder económico-financeiro e político-militar que é cada vez mais transnacional e internacional – sendo que, enquanto a primeira envolve a escolha e o controlo dos cidadãos, o segundo não só não envolve geralmente essa escolha como parece escapar a todo o controlo dos cidadãos.

2. Contradição entre o carácter recíproco dos fluxos do centro para as periferias e destas para os centros e a hegemonia crescente do centro sobre as periferias – uma hegemonia que é particularmente evidente nos domínios da cultura-comunicação e político-militar.

3. Contradição entre a riqueza crescente das empresas globais e o crescente empobrecimento e precarização dos cidadãos – dando a ideia de que a globalização se faz, precisamente, à custa do sacrifício dos direitos sociais mais elementares, e que encontra (essa ideia) a sua concretização nas políticas neoliberais e darwinianas que vão sendo aplicadas um pouco por todo o lado.

4. Contradição entre os movimentos rápidos da tecnologia e da economia e os movimentos lentos da política e da sociedade - o que faz com que estas últimas estejam sempre em atraso em relação às primeiras e sejam objeto constante de novas pressões, e pressões cada vez maiores.

5. Contradição entre uma sociedade e uma política local que obedecem a regras e uma realidade económica e financeira global que é cada vez mais desregulada – sendo essa desregulação supostamente determinada por entidades misteriosas e incontroláveis como os “mercados”, as “agências financeiras” e outras.

Estas contradições não são, em si mesmas, negativas; antes pelo contrário. De facto, e aceitando a proposição de Heraclito de que “a guerra é a origem de todas as coisas e de todas ela é soberana” (Citado em Kirk, Raven e Schofield, 2010, p. 200),⁵ pensamos que as contradições e a sua natureza tensional são o verdadeiro motor do movimento das nossas sociedades e das nossas vidas. Assim, a forma como as contradições assinaladas

⁵ Heraclito, Fragmento 53: “À guerra é a origem de todas as coisas e de todas ela é soberana, e a uns ela apresenta-os como deuses, a outros, como homens; de uns ela faz escravos, de outros, homens livres.”

evoluírem, valorizando um dos polos em detrimento do outro, será determinante para todos e cada um de nós e para as sociedades em que vivemos.

5.

Reinterpretando a conhecida tese de Marx sobre Feuerbach, caberia dizer que a interpretação do mundo já é, ela própria, uma forma de transformação do mundo – desde que tal interpretação não se limite a uma justificação mais ou menos ideológica do estado desse mundo.

É nessa reflexividade da teoria que reside, precisamente, o principal “efeito” das ciências sociais e das humanidades, incluindo as ciências da comunicação: ao mostrarem o que é, elas apontam, desde logo, para o que *poderia* ou *deveria* ser.

Esse será, seguramente, um dos méritos – e não o menor – deste número da revista *Comunicando*. Uma revista que, convém repeti-lo, foi criada por um grupo do GT de Jovens Investigadores da Sopcom, que tem porfiado em publicá-la ao longo dos anos mantendo sempre uma grande exigência do rigor e da qualidade científica.

Referências

Friedman, T. L. (1999). Duelling globalizations: A debate between Thomas L. Friedman and Ignacio Ramonet. *Foreign Policy*, 116, 110-27.

Giddens, A. (1990). *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press.

Kirk, G. S., Raven, J. E., & Schofield, M. (2010). *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Marx, K., & Engels, F. (1848/2005). *Manifesto comunista* (4ª edição). S. Paulo: Boitempo Editorial.

McLuhan, M. (1967/1967). *Understanding media: The Extensions of man*. London and New York: Ark Paperbacks.

Santos, B. S. (2001). Os processos da globalização. In: B. S. Santos (org.), *Globalização: fatalidade ou utopia?* (pp. 31-106). Porto: Afrontamento.